APONTAMENTOS HISTÓRICOS

SOBRE O CULTO E A ARQUIDCONFRARIA DE MARIA SANTÍSSIMA, MÃE DA DIVINA PROVIDÊNCIA, AUXILIADORA DOS CRISTÃOS

§ 1º — AS ORIGENS

Na área onde hoje se encontra a igreja de São Carlos ai Catinari, em Roma, erguia-se ainda, no início do século XVII, a igreja de São Brás do Anel.

No lugar daquela primeira pequena igreja, obtida na Cidade Santa, os Barnabitas, no dia 26 de fevereiro de 1612 — apenas dois anos após a canonização de São Carlos Borromeu, insigne Padroeiro de sua Ordem — abençoaram solenemente a primeira pedra do atual templo, elegante na sobriedade de suas linhas e decorações, e coroado regiamente com a alegre cúpula dourada que, em Roma, é considerada a segunda em beleza interior apenas à de São Pedro.

Mas o devoto cristão que aqui entra, após um rápido olhar para a cúpula — que, surgindo de repente àquele que se aproxima do limiar do templo, atrai irresistivelmente a sua atenção —, e depois de prestar a devida adoração a

Jesus no Sacramento, dirige-se logo a um canto escondido, à direita do altar-mor, e ali se prostra em oração diante de uma suavíssima imagem da Bem-Aventurada Virgem.

«Seria necessário — bem se escreveu — a pena de um artista e de um Santo para transmitir uma ideia exata da perfeição, da beleza celeste e da graça angélica difundidas nesta tela, onde a pureza da Virgem se une de modo tão perfeito à ternura da Mãe.

A Santíssima Virgem está vestida com uma túnica púrpura e um manto azul; um véu leve e transparente cobre-lhe a cabeça e desce graciosamente sobre os ombros, inclinando-se um pouco à direita. Nos braços, sustém o Filho Divino, que aperta amorosamente contra o seio virginal, inclinando docemente os olhos sobre o adorável rosto daquele Menino, o mais belo entre os filhos dos homens. Quanta graça nos puríssimos lábios da Virgem Mãe, entreabertos num sorriso celeste! Ficamos encantados diante desse Menino maravilhoso, cujos olhos vivos se fixam no rosto de sua terna Mãe, como se quisesse ler ali os pensamentos e desejos dela. A mão do Filho, apoiada nas da Mãe, não nos indica a fonte sagrada do poder de Maria, a confiança e o abandono que devemos nutrir nela? Que afeto recíproco, que doce familiaridade entre Mãe e Filho se revela na atitude de Jesus e Maria» (Dubois).

Há já dois séculos, esta Imagem tem visto diante de si, prostrados em humilde invocação ou em fervoroso agradecimento, os seus filhos — pequenos e grandes, sozinhos ou em multidão. A sua história está intimamente ligada à própria história da Igreja.

Por volta de 1664, quis-se transportar para o coro superior da nova igreja — onde os religiosos se reuniam, e ainda se reúnem, para as orações comunitárias — um afresco milagroso da Bem-Aventurada Virgem retirado da primitiva casa de São Paulo na Praça Colonna. Mas, ao colocá-lo no lugar designado, o afresco caiu e se despedaçou. Para compensar os Padres

de tão grave perda, o arquiteto ofereceu-lhes uma preciosa tela da Virgem Maria, considerada a melhor das composições de Scipione Pulzone, chamado o Gaetano — por ser natural de Gaeta —, o Van Dyck romano. Diante dessa devotíssima Imagem, os Padres sempre rezaram com confiança, e nunca em vão.

Singular, mais do que qualquer outro fato, foi o que aconteceu em 1626: um piedoso religioso de São Carlos, o Padre Biagio Palma (1575–1735), tendo feito uma peregrinação a Loreto, onde fora ordenado sacerdote, para pedir a Maria Santíssima os meios necessários para concluir a igreja que permanecia inacabada havia vários anos, sentiu-se subitamente inspirado a dirigir-se ao Cardeal Leni. De início, não obteve mais que boas palavras. Mas, no ano seguinte, falecendo o Purpurado, com a surpresa de todos leu-se em seu testamento que deixava a maior parte de seus bens para a conclusão da igreja de São Carlos. O que foi feito em muito breve tempo, com o esplendor que hoje se contempla.

Sobre o acontecimento, o Padre Palma deixou um amplo relato manuscrito nos Arquivos do Colégio, a fim de eternizar a memória do fato e como estímulo para que todos se dirigissem, em suas necessidades, com viva confiança à providente Mãe de Deus.

O manuscrito chegou às mãos do Padre Gennaro Maffetti (1670–1740), pároco durante 18 anos da igreja de São Carlos, o qual, tendo-o lido diante da Imagem da Virgem no coro, sentiu-se movido a promover entre os fiéis o culto a uma Mãe tão benéfica, da melhor maneira possível. Por isso, mandou logo executar uma cópia exata dessa mesma Imagem (parece que por um humilde irmão barnabita, Pietro Valentini), e em 1732 — talvez no dia 13 de julho — a expôs num pequeno vestíbulo entre o presbitério do altar-mor e a capela de Santa Cecília.

O amável semblante da Virgem e a doçura do título a ela acrescentado — «Mater Divinae Providentiae» — comoveram e animaram a piedade dos fiéis. As graças e favores de toda ordem que, desde então, se obtiveram por intercessão de Maria, mostraram quanto a Beatíssima Virgem se agradava de ser invocada sob tal título.

O pequeno e simples vestíbulo tornou-se logo um rico santuário, cheio de ex-votos e ornado de pinturas e dourados. No mesmo dia 13 de julho de 1732, sexto domingo após Pentecostes — quando o Evangelho recordava o milagre de Jesus que, multiplicando cinco pães, saciou milagrosamente cinco mil pessoas — celebrou-se a primeira pequena festa; em 10 de julho de 1735 repetiu-se a celebração, mas com grande solenidade, e estabeleceu-se que se faria do mesmo modo todos os anos.

Em 1742, foi erguido aquele altar diante do qual, além de uma infinidade de fiéis e sacerdotes, se teriam depois prostrado príncipes e não apenas um dos mais gloriosos Pontífices que ocuparam a cátedra de São Pedro. E a devoção e a fama da prodigiosa Imagem não ficaram confinadas aos limites de Roma; levadas também a terras longínquas, multidões vinham — até mesmo descalças — para venerar a Mãe da Providência em piedosas peregrinações à igreja de São Carlos, onde ofereciam, como primeiro tributo a Maria, a reconciliação de seus corações com o divino Filho, no Sacramento da Penitência.

§ 2 – A ARQUICONFRARIA

Para tornar mais proveitosa e estável tanta piedade, o Papa Bento XIV, com o Breve de 25 de setembro de 1744, instituiu uma piedosa associação sob o

título de «Confraria da Mãe da Divina Providência» e a enriqueceu com muitas indulgências.

Não existia ainda em Roma nenhuma confraria que fosse afiliada à célebre confederação de Nossa Senhora Auxiliadora, instituída em 18 de agosto de 1684 na igreja de São Pedro, em Munique da Baviera, pelo Papa Inocêncio XI, após a memorável vitória obtida sobre os Turcos junto às muralhas de Viena.

Porém, tornando-se demasiado difícil, devido à grande distância, inscrever-se em tão piedosa Associação, os Padres Barnabitas apresentaram súplicas ao Santo Padre Gregório XVI para que se dignasse acrescentar à sua sagrada Imagem o título de «Auxiliadora dos Cristãos». Obtiveram essa graça com o Rescrito do Eminentíssimo Cardeal Vigário Placido Zuria em 10 de março de 1834.

Cinco anos depois, o mesmo Sumo Pontífice demonstrou para com o nosso Santuário outro sinal, ainda mais solene, de predileção, elevando com o Breve de 16 de julho de 1839 a já existente Confraria ao grau de Arquiconfraria, com todos os direitos e privilégios já concedidos por seus predecessores àquela de Munique da Baviera e à Confederação do Santo Amor de Maria Auxiliadora em Pisa, e conferindo ao Prepósito-Geral dos Barnabitas, em caráter perpétuo, a autoridade de agregar, em qualquer parte do mundo, outros sodalícios erigidos sob a mesma invocação.

Assim, a Arquiconfraria da Mãe da Divina Providência expandiu-se por toda parte com grande rapidez, e atualmente existem Confrarias a ela agregadas, participantes de todos os seus privilégios e de todas as suas indulgências, em diversos países, não apenas da Itália, mas de todas as partes do mundo.

§ 3 – AS GLÓRIAS

Aconteceu, porém, um fato bastante deplorável: a sagrada Imagem, enriquecida com muitas joias e preciosos ornamentos oferecidos pela piedade dos fiéis, foi roubada por mão sacrílega em 13 de fevereiro de 1839. Este acontecimento, como costuma ocorrer, em vez de diminuir o culto, o aumentou.

Divulgada a notícia do furto, em todos os devotos surgiu um único pensamento: reparar generosamente a Virgem pela ímpia ofensa, restituindo à sua capela ornamentos que jamais pudessem ser-lhe novamente roubados. Recolheram-se, portanto, abundantes esmolas por parte dos Barnabitas, a fim de restaurar a já demasiado humilde capela na forma mais esplêndida possível.

Em pouco tempo iniciaram-se os trabalhos, que foram executados com tal fineza artística e riqueza de ornamentos, que se fez menos penosa a estreiteza do espaço. Assim, no dia 7 de novembro de 1841, a capela foi reaberta, toda resplandecente de ouro e dos mais preciosos mármores; e o Eminentíssimo Cardeal Luigi Lambruschini, barnabita, consagrou solenemente o novo altar.

O Santuário de Nossa Senhora da Providência sempre gozou da particular predileção dos Sumos Pontífices. Bento XIV o visitava todos os anos e oferecia à Maria ricos dons. Pio VII, em 2 de fevereiro de 1815, reconhecendo-se devedor a Maria por seu retorno à Cidade Eterna após o exílio na França, vindo à Igreja de São Carlos, depois de ter impartido a uma imensa multidão a bênção com o Santíssimo Sacramento,

prostrou-se na Capela diante da milagrosa Imagem e, em penhor de reconhecimento, declarou o seu altar privilegiado diariamente e em perpétuo.

Pio IX, que em sua juventude, sob a direção do Pe. Luigi Lambruschini — o futuro Cardeal e Secretário de Estado — servia nas funções sagradas em nossa Igreja de São Carlos, e que depois passou os primeiros anos de sua vida sacerdotal à sombra do Santuário de Nossa Senhora da Divina Providência, enquanto era Diretor do pobre Asilo de Tata Giovanni, jamais deixou de manifestar sua terna devoção à insigne Auxiliadora dos Cristãos.

Por diversas vezes foi visitá-la e recitou com o povo as Ladainhas Lauretanas, concedendo 300 dias de indulgência a todos os que as recitassem no futuro (7 de setembro de 1855); e em 7 de novembro de 1861, reabrindo-se a igreja ao culto, após magníficos trabalhos de restauração, celebrou ele mesmo a Santa Missa no altar-mor, onde a venerada Imagem se encontrava exposta para a celebração das festividades anuais, deixando-lhe depois em dom aqueles mesmos paramentos sagrados que havia utilizado na celebração do Santo Sacrifício.

Sob o pontificado de Leão XIII, atendendo ao desejo de nossos Padres, o Reverendíssimo Capítulo Vaticano — ao qual compete o direito de decretar e celebrar a coroação das Imagens de Maria que em Roma recebem culto mais antigo e universal — decretou a solene coroação de nossa prodigiosa Imagem. Esta se realizou com soleníssima pompa e júbilo universal em 11 de novembro de 1888.

O mesmo Sumo Pontífice, depois (Decreto da Sagrada Congregação dos Ritos, 14 de novembro de 1888), concedeu a Missa e o Ofício próprios da

Bem-Aventurada Virgem Mãe da Divina Providência e elevou a festa da mesma a rito duplo de primeira classe.

São Pio X, de venerada memória, que em seu quarto mantinha pendurada uma cópia da Imagem de nossa Senhora, reconheceu, confirmou e ampliou as indulgências, privilégios e indultos que seus predecessores haviam concedido à Arquiconfraria; concedeu a Missa votiva própria para todos os sábados do ano na sede da Arquiconfraria; aprovou o escapulário próprio da Mãe da Divina Providência e o enriqueceu com indulgência particular.

Por fim, também o glorioso Pontífice reinante, Pio XI, em uma afetuosa audiência concedida aos paroquianos de São Carlos ai Catinari, em Roma, no dia 5 de maio do corrente ano de 1932, não deixou de falar de nossa «Querida Senhora da Providência, dessa Providência cuja necessidade talvez nunca tenha sido sentida tão viva, tão premente, tão angustiante como hoje».

§ 4 – O SEGUNDO TÍTULO DE «AUXILIADORA DOS CRISTÃOS»

Depois de termos falado sobre a origem e os progressos do culto que teve em Roma a Imagem de Maria, reconhecida principalmente sob o título de Mãe da Divina Providência, daremos agora algumas notas acerca do outro título de Auxiliadora dos Cristãos, acrescentado pelo Sumo Pontífice Gregório XVI.

Enquanto os Turcos, em 1683, com um poderoso exército mantinham Viena, metrópole da Áustria, sob um estreito cerco, ameaçando a ruína não apenas daquele império, mas também de todas as nações católicas, um piedoso religioso Capuchinho, que pregava com muito zelo na igreja paroquial de São Pedro em Munique da Baviera, exortou vivamente os fiéis daquela cidade a colocarem-se sob o patrocínio da Bem-Aventurada Virgem. Sob o título de Nossa Senhora Auxiliadora, Ela já havia sido venerada havia muito tempo na igreja homônima, a fim de obter por sua intercessão a libertação dos povos cristãos da prepotência otomana.

Uma imensa multidão de fiéis reuniu-se diante da veneranda Imagem e, com fervorosas orações e lágrimas, moveu à compaixão o coração materno da Virgem, pelo que foi alcançada a tão desejada libertação de Viena e a completa derrota dos inimigos infiéis.

Maximiliano, Eleitor da Baviera, que havia comandado parte do exército cristão, ao tomar conhecimento do que acontecera na capital de seu eleitorado, solicitou ao Sumo Pontífice Inocêncio XI o estabelecimento de uma pia confederação em memória de um acontecimento tão memorável. Sua Santidade benignamente atendeu ao pedido com a Bula de 18 de agosto de 1684, enriquecendo a nova Confraria com várias indulgências.

Assim, em 8 de setembro seguinte, enquanto o Eleitor cercava a cidade de Buda, foi solenemente erigida por sua ordem essa célebre Confraria na referida igreja, com extraordinária afluência de fiéis.

Não é de surpreender que uma instituição tão útil se difundisse em breve por todo o mundo católico, e que rapidamente sua fama chegasse também à nossa Itália.

Não sendo fácil, devido à distância, satisfazer aos piedosos anseios de tantos bons cristãos que desejavam ser agregados à nova Confederação, Sua Santidade Pio VI concedeu aos Pisani a ereção da Confraria do Santo Amor de Maria Santíssima Auxiliadora, a qual deveria ser considerada unida àquela de Munique, com recíproca participação dos privilégios e bens espirituais.

Depois disso, vendo-se cada vez mais eficaz essa devoção à Bem-Aventurada Virgem, o Sumo Pontífice Pio VII instituiu a festa em 24 de maio e aprovou a Missa e o Ofício sob o título da grande Mãe de Deus, Auxilium Christianorum.✠

NOTA – Altares privilegiados da Igreja de São Carlos ai Catinari, em Roma

Além do altar da Bem-Aventurada Virgem da Providência, são privilegiados em perpétuo:

- o altar-mor e o da Santíssima Anunciação, que goza de privilégios especiais como altar Gregoriano;
- o altar de Santa Ana é privilegiado para todas as terças-feiras do ano e para o Dia de Finados com a sua Oitava;
- o altar de São Brás é privilegiado *ad septennium* (por sete anos).

Visitando-se outros sete altares da referida igreja, no terceiro domingo de cada mês, obtêm-se as mesmas indulgências como se fossem visitados os sete altares privilegiados de São Pedro.

Além disso, todos os altares são privilegiados durante as Santíssimas Quarenta Horas, como foi concedido por Pio VII (Rescrito de 10 de maio de 1807).

📖 *Trecho retirado do livro:* **Vade Mecum dos Devotos da B. V. Mãe da Divina Providência Auxiliadora dos Cristãos.**
Roma – São Carlos ai Catinari, 1932 – no II° Centenário

✦ *Nada obsta para a impressão:* Pe. GIUSEPPE M. CARFORA, B.ta Delegado, Roma, 6 de novembro de 1932
✦ *Imprimatur:* Do Vicariato de Roma, 7 de novembro de 1932, † JOSEPH PALICA, Arcebispo de Filipos, Vice-gerente